

A aplicabilidade das práticas informais de aprendizagem musical como estímulo à prática musical - primeiros resultados de uma pesquisa em andamento

Fernando Macedo Rodrigues
Escola de Música - Universidade do Estado de Minas Gerais
fernando.rmus@hotmail.com

Resumo: Esta pesquisa destina-se ao estudo das adaptações e aplicações das práticas informais de aprendizagem musical em contextos formais de ensino. O entendimento dos processos de aprendizagem musical em ambientes extracurriculares vem, há tempos, despertando o interesse de pesquisadores da área. O intuito é conhecer a articulação destes processos, seus procedimentos e suas inter-relações, visando auxiliar a atuação dos professores e enriquecer o ensino musical de uma maneira geral. Utilizando o suporte metodológico da Teoria Fundamentada (Grounded Theory), conjuntamente com a utilização de técnicas etnográficas de coleta de dados como observação participante, questionários, entrevistas e análise documental, poderemos traçar a possibilidade de adaptação e aplicação das técnicas informais de aprendizagem musical nas escolas de música. A pesquisa encontra-se em andamento e contou com a formação de grupos de alunos nas oficinas de música realizadas na Escola Estadual Hilton Rocha, em Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil, no ano de 2014. Nestes grupos foram aplicadas, estudadas e discutidas as principais práticas informais de aprendizagem musical previamente identificadas num estudo bibliográfico sobre o tema. Neste artigo apresenta-se uma breve descrição das atividades práticas executadas e os primeiros resultados obtidos através dos questionários. Dentre as respostas, destacamos a presença de alunos que já tocam algum instrumento, bem como o intenso uso de celulares, por parte dos participantes, para a escuta e o compartilhamento de músicas. Ao final da pesquisa, espera-se obter resultados que sugiram como as práticas musicais informais podem atuar como abordagens facilitadoras para o ensino musical.

Palavras chave: Prática musical; Práticas informais; Escola pública

1 - Introdução

O estágio obrigatório dos cursos de Licenciatura em Música é uma das atividades que mais aproximam o estudante da prática didática, tanto para aquele estudante inexperiente quanto para aquele que já possui alguma prévia experiência no ensino de música. Quando o aluno inicia suas atividades como estagiário, na maioria das vezes ele se

depara com uma realidade diferente daquela exemplificada no seu curso. De acordo com relatos informais de alunos da Escola de Música (ESMU) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), os diversos materiais e procedimentos discutidos durante o curso de Licenciatura geralmente não condizem com a realidade musical da maioria das escolas públicas.

Acrescenta-se a isto o fato da volta da disciplina/conteúdo “Música” nas escolas de educação básica, com a sanção da Lei nº 11.769 no dia 18 de agosto de 2008, pelo Governo Federal Brasileiro, que determina a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica, não ainda como disciplina, mas como conteúdo. Segundo Figueiredo (2010), “concretamente a lei representa um avanço para a educação musical no Brasil, já que estabelece a presença da música no currículo escolar de forma inequívoca” (FIGUEIREDO, 2010. p.3).

Em 1971, o Governo Brasileiro havia promulgado a lei n.5692/71 que extinguiu a disciplina educação musical do sistema educacional brasileiro, substituindo-a pela atividade de educação artística (FONTERRADA, 2008. p.217-218). De acordo com a autora esta lei de 1971 contribuiu para o enfraquecimento da educação musical em todo país e esta longa ausência colaborou para a formação uma geração que praticamente não teve contato com o ensino musical na sua idade escolar. Estas pessoas, que hoje são professores, coordenadores, diretores, pais e comunidade, acreditam, em sua maioria, que a música possui valor apenas como entretenimento e não como disciplina para o auxílio na formação de valores.

[...] muito do que existe em educação musical não se apresenta, na verdade como musical ou artístico, mas, antes, como um conjunto de atividades lúdicas que se servem da música como forma de lazer e entretenimento para os alunos e a comunidade, sem sequer tocar na ideia de música como forma de conhecimento (FONTERRADA, 2008, p.12).

A autora alerta para outro uso que se faz da música no cenário escolar, “que é a utilização desta como instrumento auxiliar em outras áreas de conhecimento ou disciplinas; neste caso, ela tem outras funções como: *auxiliar a aula de matemática, contribuir para a instalação de bons hábitos, e outras funções*” (*Ibidem* p.13) e destaca que “o que está em

jogo, na adoção ou não de um modelo de educação musical na escola brasileira, é a questão da natureza e do valor da música e da educação musical” (FONTERRADA, 2008. p.229).

Tendo em vista o exposto acima, o futuro professor (ou licenciando) necessita adaptar as práticas aprendidas e experimentar novos procedimentos de ensino musical na sua aula. Como opção, ele pode trabalhar com um repertório que seja reconhecido pelos seus alunos, e conseqüentemente, estimular a prática e o aprendizado musical.

Esta pesquisa tem como objetivo o estudo da adaptação e aplicação das práticas informais de aprendizagem musical como estímulo à prática musical na Escola Estadual Professor Hilton Rocha (EEPHR), situada em Belo Horizonte, Minas Gerais. Propõe-se que através do estudo destas práticas novos recursos pedagógicos possam ser agregados aos já existentes, contribuindo assim para o desenvolvimento de novas possibilidades para a prática e o ensino musical.

1.1 - Formal e Informal

Para um melhor entendimento deste estudo, apresentamos aqui alguns conceitos importantes. Folkestad (2006) identificou quatro referências nas maneiras de entender e empregar os termos “Aprendizagem Formal” e “Informal”, destacando os aspectos a seguir:

1 - A situação: Onde é que a aprendizagem acontece? Ou seja, os termos formal e informal são utilizados para delinear o contexto físico no qual o aprendizado ocorre. 2 – Estilo de Aprendizagem: relacionado à natureza e qualidade do processo de aprendizagem. Neste caso, o termo “formal” refere-se ao músico que aprendeu a tocar por partitura e o termo “informal” aqueles que aprenderam a tocar de ouvido. 3 - Propriedade: quem “possui” as decisões da atividade, o que fazer, como, onde e quando? No caso do termo “formal” estas decisões se concentram na escola e professores. Já em relação ao termo “informal”, estas decisões são tomadas pelos praticantes das atividades. 4 - Intencionalidade: Em qual sentido a atenção e/ou intenção dos praticantes é direcionada: voltado para aprender a tocar ou simplesmente para a prática de tocar? Ou seguindo uma pedagogia/modelo musical previamente elaborado? (FOLKESTAD, 2006, p.141-142).

O autor chama atenção para o uso destes termos e afirma que é possível a utilização de mais de um deles ao mesmo tempo, destacando também a importância de

explicitar de forma clara a maneira como estes termos são mencionados e seus contextos específicos.

Já as “práticas informais”, de acordo com Green (2001), podem ser entendidas como sendo um

aprendizado não intencional de experiências através da enculturação no ambiente musical; a aprendizagem por interação com outras pessoas como pares, familiares ou músicos que não estão agindo no papel de professores formais; desenvolvendo métodos de aprendizagem independentes com técnicas obtidas através do seu próprio aprendizado (GREEN, 2001, p.16).

As práticas informais de aprendizagem musical, de acordo com a autora, podem ser conscientes ou inconscientes e uma das suas características principais é a falta de sistematização do seu conteúdo.

2 - Metodologia

Através do convênio firmado entre a UEMG, PIBID¹, e a Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, a Escola Estadual Professor Hilton Rocha (EEPHR), em Belo Horizonte/MG, foi uma das escolhidas para o desenvolvimento das oficinas de música. Participaram da equipe do projeto em 2014: a Coordenadora do PIBID (ESMU/UEMG), um professor da EEPHR, este pesquisador e cinco alunos de graduação da ESMU (bolsistas).

A EEPHR ofereceu toda a infraestrutura necessária para o desenvolvimento das atividades aqui descritas. Todos os alunos do ensino médio² foram convidados a participar das oficinas.

Para observar e compreender os processos utilizados na adaptação e aplicação das práticas informais na EEPHR foi necessária uma aproximação com os alunos da escola, o que conduziu o processo da investigação para um estudo naturalístico, ou qualitativo, que segundo Lüdke e André (1996) “envolve a obtenção de dados descritivos, obtido no contato

¹ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) idealizado e coordenado pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior do Governo Federal.

² Em 2014 a EEPHR conta com oito turmas de 1º ano com média de 42 alunos por turma; três turmas de 2º ano com média de 30 alunos por turma e duas turmas de 3º ano com média de 30 alunos por turma, num total de 478 alunos. Todas estas turmas tiveram aulas regulares no turno da manhã.

direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (LÜDKE; ANDRÉ, 1996. p.13).

A aplicação das práticas informais num contexto de uma escola pública para alunos de faixa etária de 15 a 18 anos envolveu uma série de questões que até então eram desconhecidas. Somente a partir dos dados coletados e analisados poderemos ter uma ideia das possibilidades reais da aplicabilidade deste tipo de abordagem. Esta condição conduziu o estudo para a utilização da metodologia da teoria fundamentada (Grounded Theory) que segundo Strauss e Corbin (2000).

é uma metodologia geral para o desenvolvimento de uma teoria que se baseia em dados sistematicamente recolhidos e analisados. Esta teoria está relacionada diretamente com a investigação propriamente dita, e isto é possível através da interação contínua entre a análise e coleta de dados (STRAUSS; CORBIN, 2000, p.273).

O processo inicia-se com a coleta de dados, e a partir daí, há a necessidade de categorizá-los, sendo esta a fase atual da pesquisa. Estas categorias serão a base para a criação de uma teoria ou hipótese (STRAUSS; CORBIN, 2000).

Como auxílio à pesquisa foram utilizadas técnicas etnográficas de coletas de dados, tais como: questionários, entrevistas, relatos de histórias de vida, anotações de campo, gravações de áudio e vídeo e análise documental. Os questionários foram utilizados no início de 2014, para levantamento do perfil dos participantes, suas opiniões, valores e práticas musicais, bem como no final do ano para o conhecimento dos resultados alcançados.

3 - Perfil dos alunos

No início do ano letivo de 2014, os bolsistas do PIBID visitaram as salas do 1º ano do ensino médio da EEPHR com o objetivo de explicar o funcionamento das oficinas de música e convidar todos os alunos a participar. Na fase seguinte os alunos interessados preencheram um formulário de inscrição com seus dados pessoais, respondendo também se já sabiam tocar algum instrumento e qual instrumento desejariam aprender. Isto foi feito somente nas

turmas do 1º ano, pois os alunos das turmas do 2º e 3º anos já conheciam o projeto dos anos anteriores, mas da mesma forma foram convidados para as oficinas.

O número total de alunos convidados do 1º ano foi de 282, sendo que 79 alunos (28,01%) fizeram sua inscrição. Do número total de inscritos, 25 (31,64%) alunos declararam que sabiam tocar algum instrumento e 54 (68,35%) relataram que não sabiam tocar nenhum instrumento. Por este número podemos observar a existência na escola de alunos que já sabiam tocar, mas não é o objetivo deste estudo qualificar tecnicamente este conhecimento, e sim destacar que existem alunos na escola que tocam e que podem auxiliar em alguma atividade musical.

As respostas sobre quais instrumentos estes alunos tocam foram diversas: 13 alunos responderam que tocam violão; 4 percussão; 3 guitarra; 2 flauta; 2 bateria; 1 baixo; 1 teclado; 1 tambor; 1 sax alto; 1 pandeiro e 1 aluno respondeu que toca viola. 6 alunos responderam que tocam mais de um instrumento. A partir destas respostas verificamos a popularidade do violão e pudemos destacar que a grande maioria dos instrumentos escolhidos estão associados à prática da música popular.

Quando perguntados sobre qual ou quais instrumentos desejariam aprender: 63 alunos responderam que gostariam de aprender o violão; 26 guitarra; 3 piano; 3 teclado; 2 flauta; 2 baixo; 2 cavaquinho; 3 bateria; 2 teclado; 2 percussão; 1 saxofone; 1 aluno respondeu que gostaria de tocar “todos” os instrumentos e 1 aluno respondeu que não gostaria de tocar nenhum instrumento. Um total de 26 alunos responderam que desejariam aprender a tocar mais de um instrumento. A partir destas respostas pudemos verificar novamente a popularidade do violão, seguido pela guitarra, e novamente verificamos a grande variedade e a predominância de instrumentos relacionados à música popular.

Entre o momento da inscrição e o efetivo início das atividades, que durou por volta de 15 dias, cerca de 61 (77,21%) alunos desistiram de participar da oficinas. Quando perguntados sobre o motivo desta desistência, as repostas variaram entre os seguintes motivos: 23 alunos desistiram por motivos pessoais não especificados; 10 alunos alegaram que precisavam estudar em outro curso no horário da oficina; 13 responderam que tinham a necessidade de trabalhar e 13 alunos mudaram de escola. Observamos que, 36 alunos

desistiram por motivo de estudo, por necessidade de trabalhar ou porque mudaram de escola, sendo que, no total, um percentual substancial de alunos que fizeram a inscrição não puderam estar presentes nas oficinas.

Num momento seguinte, com os alunos frequentes, foi distribuído um segundo questionário com o objetivo de verificar o perfil dos participantes: se eles tocam algum instrumento; suas práticas musicais; em qual mídia eles escutam suas músicas preferidas e quais os meios para conseguir estas músicas. Cerca de 20 alunos com a média de idade de 16 e 17 anos responderam um questionário sobre suas práticas e preferências musicais anteriores à oficina de música; destes, 15 responderam que tocam algum instrumento, mas somente 3 frequentaram algum tipo de aula por pelo menos 2 meses, e apenas 5 participavam de alguma atividade musical fora da escola. Quanto aos instrumentos, 9 responderam que já tocam violão, mostrando a grande acessibilidade que este instrumento possui. Em relação às preferências musicais, vários estilos foram mencionados, desde o “rock internacional” (18 alunos), passando pelo sertanejo, música eletrônica, hip-hop, MPB, axé, reggae, etc... . Quanto ao veículo de escuta, 17 alunos declararam que escutam suas músicas no celular e 18 declararam que fazem o download das músicas que desejam pela internet.

4 - Práticas realizadas

O projeto se encontra em fase de análise dos dados recolhidos a partir das três atividades desenvolvidas nas oficinas de música, que foram realizadas sempre às sextas-feiras, de 14hs até 17hs, horário chamado de contra-turno. Cada atividade teve em média 50 minutos de duração e foram planejadas pela equipe do projeto e conduzidas pelos bolsistas. Vinte alunos, em média, frequentaram as oficinas durante o ano. Como o tempo disponibilizado para as oficinas de música era de cerca de 3 horas, a equipe do projeto decidiu dividir o horário disponível nas seguintes atividades:

Atividade 1: Desenvolvimentos de dinâmicas de grupo – com o objetivo de aumentar as afinidades entre os participantes;

Atividade 2: Prática instrumental. Esta atividade foi planejada para atender ao pedido dos alunos da EEPHR que apresentaram certa habilidade com algum instrumento. Os alunos foram separados em 3 grandes grupos: violão, percussão, flauta e teclado; de acordo com a disponibilidade dos bolsistas e o desejo dos alunos.

Atividade 3: Relacionada às práticas informais baseadas nos sete estágios descritos por (GREEN, 2008, p.25-27) e que tem como objetivo simular com maior fidelidade possível as situações onde estas práticas acontecem. Nesta etapa, foi possível desenvolver quatro dos sete estágios propostos por Green (2008) descritos a seguir:

Estágio 1: É denominado por Green (2008) como “O coração do projeto” pois é proposto aos alunos que vivenciem a fundo as práticas informais (GREEN, 2008, p.25). Todos os alunos foram convidados a participar da atividade que consistia na divisão da turma em grupos, onde cada membro trouxe uma música como sugestão para ser “tirada”. Em todos os estágios desenvolvidos, a sequência dos procedimentos foi a mesma, quando os alunos tiveram total liberdade na escolha e formação dos grupos; escolheram as músicas que seriam trabalhadas, ensaiadas e posteriormente apresentadas em sala.

Estágio 2 – Nesta atividade os alunos foram convidados a trazer uma nova música que tivesse na sua estrutura apenas um “riff” facilmente reconhecido. De acordo com França (2012) o termo “riff” refere-se “a um motivo marcante que geralmente aparece na introdução e se repete durante a música, conferindo-lhe identidade” (FRANÇA, 2012, p.74). Na aula foram mostrados alguns exemplos de “riffs” em músicas nacionais e internacionais, salientando onde e como podem aparecer.

Estágio 3 – Neste estágio, Green (2008) sugere a repetição da atividade 1 com o propósito de “dar aos alunos a oportunidade de desenvolver as habilidades que eles já haviam adquirido, e observar até que ponto isso foi realizado” (GREEN, 2008, p.26).

Estágio 4 – Compor uma música sem um estilo pré-definido, utilizando os aspectos aprendidos nas atividades anteriores (GREEN, 2008), ensaiar e depois apresentar em sala. Como nas atividades anteriores, os alunos tiveram a liberdade de escolher os grupos. Alguns criaram uma música a partir de uma sequência de acordes conhecidos, outros elaboraram uma letra e melodia para suas músicas. Após ensaios, houve a apresentação.

Cada estágio durou cerca de 6 semanas, em média, e uma dificuldade apontada foi a falta de assiduidade por parte de alguns participantes, o que comprometeu de certa forma o andamento dos ensaios, das apresentações finais e o desenvolvimento da atividade 3 na oficina.

5 - Considerações finais

Mesmo estando no início da análise dos dados, podemos tecer alguns comentários a respeito das atividades que foram desenvolvidas na EEPHR.

A disponibilização de um espaço físico pela escola foi fundamental para o planejamento e execução das práticas musicais. Em relação aos instrumentos, alguns foram trazidos de casa, como violão, flauta e teclado portátil e a EEPHR disponibilizou instrumentos de percussão. Não houve relato de interessados que tenham deixado de participar por falta de instrumentos musicais.

A necessidade de trabalhar, de complementar seus estudos ou mudança de escola fez com que vários alunos desistissem das oficinas de música, o que nos sugere à possibilidade de reestruturação no horário e/ou na estrutura da oficina para possibilitar um maior acesso às mesmas.

Em relação ao aprendizado, muitos alunos conseguiram iniciar-se na prática de um instrumento, anteriores às oficinas musicais, sem ter frequentado aulas regulares. A pesquisa sobre este tipo de aprendizado e estas práticas, como elas acontecem e onde elas ocorrem pode fornecer recursos pedagógicos significativos para os educadores musicais.

Todos os alunos utilizaram seus telefones celulares, tanto para a escolha da música quanto para conferência de algum trecho a ser tocado, e o download de músicas da internet foi a opção de quase 100% dos entrevistados para a obtenção das músicas que desejavam. Devido à popularidade e acessibilidade dos celulares, novas pesquisas sobre as possibilidades de aproveitamento deste dispositivo na educação musical serão apropriadas e necessárias.

O coordenador do projeto na EEPHR relatou que os alunos ficaram estimulados e ansiosos com a possibilidade de apresentações frequentes. Isto fez com que eles se

reunisse nos intervalos das aulas regulares para ensaio, despertando o interesse dos colegas que não estavam participando da oficina de música.

De uma maneira geral, a fase de coleta de dados na oficina de música, na EEPHR foi realizada dentro dos parâmetros previstos, atendendo aos objetivos propostos neste trabalho.

Referências

FIGUEIREDO, Sergio. O processo de aprovação da lei 11.769/2008 e a obrigatoriedade da música na educação básica. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO - ENDIPE, XV, 2010, Belo Horizonte. *Anais XV Endipe - Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*, Belo Horizonte, 2010. Painel.

FOLKESTAD, Gohan. Formal and informal learning situations or practices vs formal and informal ways of learning. *British Journal of Music Education*, London. v. 23, n. 02, p. 135, 2006.

FONTEERRADA, Maria. T. DE O. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: UNESP, 2008.

FRANÇA, Cecília. C. Riffs forever: o rock na sala de aula. *Música na Educação Básica*, Londrina, v. 4, n. 4, p. 70–85, 2012.

GREEN, Lucy. *How Popular Musicians Learn: A Way Ahead for Music Education*. London: Ashgate Publishing, Ltd., 2001.

GREEN, Lucy. *Music, Informal Learning and the School : A New Classroom Pedagogy*. 1st. ed. Hampshire - England: Ashgate Publishing Limited, 2008.

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli. E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1996.

STRAUSS, Anselm.; CORBIN, Juliet. Grounded theory methodology. In: DENZIN, Norman. K.; LINCOLN, Yvonna. S. (Org.). *Handbook of qualitative research*. London: SAGE Publications, 2000, p. 273–284.